

As frentes de ação da Rocinante, nova gravadora do mercado musical

Selo investe em fábrica de discos e oferece espaço a artistas sem acesso fácil ao meio

Leonardo Lichote / Revista Época
04/07/2019 atualizado em 16/09/2019



Sylvio Fraga investe em gravadora e fábrica de discos de vinil. Foto: Leo Martins / Agência O Globo

Montado em seu cavalo, Rocinante, Dom Quixote lutava contra moinhos, imaginando-os gigantes. Músico e poeta, Sylvio Fraga quixotesicamente ergue moinhos e gigantes — ambos reais — sob inspiração da montaria do bravo e sonhador herói de Cervantes. Lançada no ano passado, a gravadora Rocinante, empreendimento que Fraga toca com seu sócio Pepê Monnerat, vem construindo um catálogo respeitável — sem pressa, mas com segurança. “Rocinante vai a passo, não galopa”, brincou Fraga. Nele, estão artistas que se destacam como representantes de uma música brasileira que combina densidade e inovação — como a Orkestra Rumpilezz, capitaneada por Letieres

Leite; e Thiago Amud, compositor louvado por nomes como Caetano Veloso.

A ambição a passo lento da Rocinante se confirma em seu próximo movimento: entre o fim de 2019 e o início de 2020 ela começará a operar sua fábrica de vinis, com capacidade de produção de 1.600 discos por dia. Há apenas outras duas em funcionamento no país, a Polysom e a Vinil Brasil. O objetivo da gravadora é combinar a concretude do moinho — um empreendimento autossustentável — com a fantasia do gigante — a arte sem compromissos mercadológicos.

“Nossa ideia é gravar só o que queremos, sem pensar em mercado. São discos que queremos que existam”, explicou Fraga, diretor artístico da gravadora. Seu sócio, Monnerat, é o diretor técnico. “O que financia o negócio é nosso estúdio (em Araras, Petrópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro) e a fábrica (a ser instalada num galpão em Petrópolis). Não é sonho de doidão apaixonado. Eu e Pepê somos economistas, fizemos contas. Tenho certeza de que existe uma demanda, por isso investimos. Nossas prensas, produzidas na Alemanha, estão entre o que há de melhor no mercado mundial hoje. A Rocinante é nosso projeto de vida, portanto acreditamos na capacidade de gerar lucro. Não teríamos como manter por anos algo sangrando dinheiro.



A Orkestra Rumpilezz, do maestro Letieres Leite, é uma das apostas do novo selo. Foto: Tatiana Freitas / Divulgação

Com o olhar de economista, Fraga nota que as duas fábricas hoje em atividade no Brasil estão trabalhando com regularidade — e que ainda há artistas brasileiros que encomendam vinis de fábricas no exterior, o que indicaria um mercado a ser explorado.

A formação de Fraga em economia teve bastante influência familiar: ele é filho de Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central. Diploma na mão, o jovem pegou um desvio em sua trilha que anos depois o levaria, sem que ele soubesse, à Rocinante. Foi fazer mestrado em poesia em Nova York e teve contato com a obra de poetas contemporâneos americanos. Nas horas vagas, compunha ao violão o que seria o embrião de seu primeiro disco, Rosto, que lançaria com a formação Sylvio Fraga Trio.

Quixote que faz contas, poeta-economista, Fraga desde muito mais novo (ele tem 33 anos) gosta de transformar suas paixões em realizações. Ou produtos, se olharmos pela ótica do capital. Seu gosto pela poesia contemporânea americana originou O andar ao lado, livro lançado em 2013 em que traduziu poemas de três desses artistas. Seu fascínio pela pintura brasileira do fim do século XIX e início do século XX o levou a organizar em 2016 uma turnê que viajava com uma exposição de Antônio Garcia Bento, pintor sobre o qual tem um estudo que pretende transformar em livro. A Rocinante é outro reflexo desse espírito.

“Se gosto muito de algo, quero que o outro veja”, disse Fraga. “Na Rocinante, nossa orientação é o espanto, a comoção. Há uma frase de Manuel Bandeira que está em nosso site: ‘Não quero mais saber do lirismo que não é libertação’. É isso. Se formos apontar um modelo, eu diria que é a ECM (gravadora alemã que lançou discos de artistas como Egberto Gismonti, Chick Corea, Pat Metheny). A ECM tem seu estúdio, sempre privilegiou o caminho da arte em vez do aspecto comercial e tem uma trajetória de longevidade que nos interessa. Queremos fazer entre quatro e cinco discos por ano, mas até o fim de nossa vida.”

“Serão poucos lançamentos a cada ano, nos formatos digital e vinil. Economista e músico, Sylvio Fraga disse que a Rocinante foi pensada para ser uma gravadora sustentável economicamente”

A ideia de poucos lançamentos por ano — apenas nos formatos vinil e digital, a

Rocinante não trabalhará com CD — tem a ver com a sustentação do negócio, mas também com o cuidado com o material que a gravadora produz.

“Queremos dar atenção total ao disco, desde o microfone usado em cada gravação até o fim da masterização. Com a Oskestra Rumpilezz, tínhamos 21 músicos tocando juntos. Nós nos equipamos para que não houvesse uma única coisa que não fosse maravilhosa. Incluindo pegar microfones emprestados de amigos que têm estúdio, para garantir que todos os instrumentos tivessem a captação perfeita.”

O disco da Rumpilezz, com lançamento previsto para o ano que vem, é uma produção 100% Rocinante — a ideia é que todos sejam assim, gravados e prensados por eles. No ano passado, foram lançados O cinema que o sol não apaga, de Amud; Microarquiteturas, de Rafael Macedo; e Mundo afora: meada, de Ilessi. Agora, chega ao mercado O enigma Lexeu, do Letieres Leite Quinteto. Até o fim do ano, vêm por aí Cangaço, do Bernardo Ramos Quinteto; Canção da cabra, do Sylvio Fraga Quinteto e Letieres Leite; e Todas as cores, de Nelson Angelo, disco com inéditas e sucessos do compositor de “Canoa, canoa” e “Testamento”, entre outras gravadas por Milton Nascimento.

“Em 2020, além da Rumpilezz, teremos um álbum do (pianista) Marcelo Galter, o novo de Ilessi, um disco de Erika Ribeiro, com reduções para piano de peças orquestrais e camerísticas de compositores como Hermeto Pascoal e Stravinsky”, adiantou Fraga.

“Vamos gravar também Luizinho do Jeje, que tem composições incríveis e vai tocar com uma formação de violão e 14 percussionistas, dividindo-se entre bateria, atabaques e agogôs. Não saberia dizer o que há em comum entre esses artistas além da ideia da grande arte. Certamente não é um corte de gênero musical. Não há artistas pop em nosso catálogo, mas muita coisa do universo pop me interessa. O que acontece é que a gente não tem muito a oferecer a um artista pop.”



Thiago Amud, um dos novos artistas, tem admiradores como Caetano Veloso. Foto: Rogério von Krüger / Flickr

A proposta de encampar artistas que não têm um apelo óbvio de mercado é o que Fraga defende como necessário no país hoje. “Algo que vai contra o pensamento de nossos estadistas”, definiu. Ele identifica a perda de força real e simbólica da arte no Brasil — com o fim do Ministério da Cultura e com os ataques generalizados à classe artística, cujos integrantes são tratados como “vagabundos”, e ao financiamento cultural por mecanismos como a Lei Rouanet.

“Eles conseguem atrapalhar a produção de cultura no Brasil, mas não vão vencer”, disse Fraga. “A elite brasileira é ignorante e egoísta. Sinto falta do mecenato. Nossa previsão com a Rocinante é que nosso investimento volte. Não deixa de haver, entretanto, um caráter de mecenas na iniciativa, porque não estamos pegando esse lucro e investindo no mercado financeiro.”

Entre os sonhos — sempre pensados com a concretude dos moinhos — de Fraga está um disco de voz e violão de João Bosco. “Com seu violão, João atingiu o máximo da capacidade de expressão, da potência humana.” Ao citar Bosco, Fraga retoma a reflexão sobre o que atravessa todos os projetos da Rocinante. E resolve com o slogan: “Rocinante é uma nova gravadora”.

“Daqui a 50 anos, teremos o mesmo slogan.”

Mais info visite: <https://rocinante.com.br>